



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco

A Espada de Alexandre



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

A Espada de Alexandre
Camilo Castelo Branco

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1872.

Livro Digital (Gratuito) nº 1070 - 1ª Edição - São Paulo, 2020.

Conto/Novela - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825-1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

FATOS PITORESCOS DA VIDA DE CAMILO CASTELO BRANCO

“Formidável corda de risos, formidável corda de lágrimas”, como lhe chamou Silva Pinto, Camilo Castelo Branco ofereceu à literatura portuguesa páginas imorredouras.

Se a cegueira o não conduz ao desespero da morte, Camilo teria talvez duplicado a sua obra. Vida aventurosa, amoroso irrequieto, espírito irreverente, raro da sua boca saía um elogio.

Uma tarde, em São Miguel de Seide, o glorioso autor do *Amor de Perdição* vergastava tudo e todos. Um amigo disse-lhe: “Sempre me refugio em Vítor Hugo, para ver se você também diz mal dele”.

E logo Camilo: “Esse velho não era nada tolo!”.

Um filho começou dando indícios de loucura. E o implacável ironista explicava: “Coitado! Era um rapaz inteligente. Ficou assim desde que leu as obras do Teófilo Braga...”

Camilo, no alvor da sua brilhante carreira literária, era brigão. Detestava os pusilânimes. De um camarada com quem cortara relações, disse um dia:

“É um homem tão covarde que a gente cospe-lhe no rosto, limpa-lhe depois a cara com o bico da bota e ele ainda nos diz: Muito obrigado!”

As suas irreverências ficaram célebres. Um pintor, no Porto, convidou-o a ir a uma exposição. O pintor tinha mais jactância que

talento. E apontando um retrato a óleo, explicou a Camilo: “Agora só me dedico a retratos. Veja o mestre, este. Que lhe parece?”.

Resposta de Camilo: “Na verdade, está parecidíssimo. Quem é?”.

As suas permanentes dificuldades de dinheiro levaram o desventurado romancista a lutas constantes com os editores. Propõe escrever um livro acerca de Lisboa antes do terremoto de 1755, mas como o livro não mete brasileiros nem amor, os editores dão-lhe apenas 150 mil réis.

Na obra de Camilo, diz Junqueiro, não há uma árvore. Mas é um perdulário de talento. O seu feitio azedo era certamente filho da desgraça que raro o abandonava.

Um dia, ao tomar a diligência na Praça da Batalha, para ir visitar um amigo que morava nos subúrbios do Porto, cumprimentou delicadamente duas damas. Uma delas disse para a outra:

— Olha Maria Isabel, este ó que é o Camilo que escreve livros.

— Por sinal uma boa peste — comentou a outra. — Uma peste enjoativa!

Camilo ouviu, mas disfarçou. Daí a momentos encarou com a dama que o alcunhou de peste, dizendo com a maior desfaçatez:

— Oh! Maria Isabel, desculpa. Há bocado não te reconheci.

A interpelada, de semblante carregado, protestou:

— Vossa senhoria está enganado. Chamo-me na verdade Maria Isabel, mas não o conheço!

E o diálogo continuou assim:

— Ah! minha ingrata! Não te lembras do teu antigo namorado? O teu Camilo como tu me chamavas na intimidade?

— O meu Camilo? — exclamou a dama, furiosa.

— Depressa te esqueceste dos nossos amores, quando eras cozinheira da estalagem do Manuel Domingos...

— Cozinheira eu? O seu insolente, seu grande malcriado!

— Que belos petiscos tu me fazias! E quando a tua patroa nos apanhou a darmos as nossas beijocas?

— Sr. Camilo Castelo Branco! — acabou por dizer a senhora, colérica.

— Ah! Já me conheces?!

A companheira fez ver à dama ofendida que ele certamente ouvira tratá-lo por *peste* e vingou-se cruelmente. Já na carruagem, ainda Camilo lhe disse, com uma gargalhada:

— Adeus, Maria Isabel. Dá beijinhos ao nosso petiz...

Próximo de um *café* frequentado por Camilo, vivia uma senhora brasileira de nome Iracema. Trocista, alcunhou o escritor de *Flautinhas* e de *Pernoita*, devido à circunstância de ter as pernas altas e magras. O romancista sabia do caso, ria-se e não ligava importância.

Mas a senhora, solteirona, quando soube de quem se tratava, abandonou as alcunhas e começou a lançar-lhe olhares doces. Os amigos, sabedores da reviravolta da formosa Iracema, felicitaram o herói. Ele, risonho, elucidou:

— Vou escrever à apreciadora do meu admirável focinho bexigoso...

E mandou-lhe por um moço, duas quadras. A primeira era assim:

*Diz-me, oh! jovem caipira,
Gostas muito do Flautinhas?
Minha linda, minha Iracêmea
boa p'rás galinhas...*

A segunda quadra é impublicável. E assinou. “Teu Camilo, o Flautinhas”.

Daí a uma hora, apareceu no café um rapazito magro, a tremer muito, e perguntou quem era o malcriado de um tal Camilo que lhe queria partir a cara.

Camilo levantou-se logo e quando o brasileiro, irmão da ofendida, ia dar-lhe um soco, ele travou-lhe o braço, dizendo sorridente:

— Espere meu amigo. O senhor é fraquíssimo, com poucas carnes, etéreo, quase gasoso. Se eu lhe desse um tabefe, ia parar à Foz.

E contou-lhe as troças da mana.

O rapazito concordou, dizendo:

— Não deixa vossa senhoria de ter razão, mas aqueles versos são muito fortes, Sr. Camilo.

O escritor sorriu, abraçou-o e pregou no corpo do mano da Iracêmea uma formidável bebedeira de vinho do Porto.

Por fim, o escritor pegou no rapazinho e foi levá-lo a casa, dizendo à brasileira que estava à janela:

— O seu mano, apesar de não se lamber com a bebedeira em honra da nossa amizade ainda terá forças para dar a Vossa Senhoria, um beijo de reconciliação em meu nome.

A senhorinha bateu-lhe com a janela na cara e assim terminou a picaresca aventura.

Em 1861, Camilo e Vieira de Castro moravam na Rua de São Julião, onde recebiam raras visitas. Uma noite, Camilo deu ali uma ceia memorável que se prolongou até altas horas. Quando o criado o avisou que despontava a aurora, o romancista irritou-se:

— O dia nasce para o merceeiro e para o alfaiate ali defronte. Para nós, não. Fecha as portas das janelas e deixa as luzes acesas!

LOURENÇO RODRIGUES

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres.

Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2020).

A ESPADA DE ALEXANDRE

CORTE PROFUNDO NA QUESTÃO DO
HOMEM-MULHER E MULHER-HOMEM



CARTA AO MEU VIZINHO RAIMUNDO,
POETA LAUREADO NA “ÁGUIA-DE-OURO”:

Meu caro Senhor e Vizinho!

Era por uma noite de lua cheia do agosto pretérito. Estava eu à janela do terceiro andar, onde moro, nesta fragrante rua das Congostas, ninho de poetas e filósofos, floresta ramalhosa onde vossa excelência regorjeia as suas liras, e eu medito Teófilo e Rosalino Cândido.

Estavam então vossa senhora e a sua esposa, com as vidraças erguidas, banhados de resplendores da lua, altercando em voz alta a respeito de um livro de Alexandre Dumas-Filho, obra que por aí gira com o título hermafrodita de HOMEM-MULHER.

Dizia a sua esposa que o autor do livro atacava o direito, a justiça, a religião e o pudor. Replicava o Sr. Raimundo que o autor do livro não atacava nada; pelo contrário defendia tudo.

Redarguia sua excelência que a mansão conjugal não é açougue, nem a esposa vaca, nem o marido magarefe. Recalcitrava vossa excelência que a esposa devia considerar-se vaca, desde que o marido era boi. *L’Homme-Femme — Le Boeuf-vache!* Está claro.

Contenderam largo espaço os meus prezados vizinhos neste honesto certame; e, ao mesmo passo que mutuamente se ilustravam nos deveres de cada um, abriam no meu cérebro um jato de filosofias que eu passo a golfar aos quatro ventos da terra.

Os sentimentos bem ou mal expendidos nesta carta, meu prezado vizinho, são uma espécie de prolegômenos com que tenciono

predispor os ânimos para a representação de uma tragédia, em que trabalho há muito, intitulada *O homem de Cláudia*. Não se presuma, porém, que eu venho com esta notícia aliciar espectadores para a minha tragédia no Teatro-Circo. Não, Sr. Raimundo. Eu sou publicista da escola de Mestre Teófilo simbólico,

*...um que tem nos malabares
do sumo sacerdócio a dignidade,*

como a respeito dele vaticinou Luiz de Camões, no Canto X.

Publico um livro. Sei que ninguém mo compra, nem mo lê; mas convenço-me, à laia do mestre, que os meus livros ensinam tudo que os outros sabem. Esta ronha pegou-me ele, o Grão-Lama, que imagina fazer reformas de raças com os seus livros de dentadura anavahada como Cadmus fazia homens com a dentuça do dragão. Ajoujei-me, pois, na canga deste pedagogo, e vou bem.

Revertendo ao ponto:

Afirmam autores de boa nota que a mulher é fêmea, *femina*. Neste parecer abundam D. Antônio Ayres, bispo do Algarve, na “Reforma” do aprisoamento, e Bento Pereira, na *Prosódia*. Autoras também de boa nota asseveram que o homem é macho. Do enlace e coesão destas entidades heterogenias forma-se o Macho-fêmea, o colchete felogênio. Faça-me o favor, Sr. Raimundo, de alçapremar o seu intelecto à altura destes princípios. Em matérias transcendentales seja-me águia e não cágado.

No princípio do mundo (não iremos mais longe por enquanto) extraiu Deus a fêmea do entrecosto do homem. Aurora do paraíso! Então era a costela do homem que dava a mulher; hoje em dia, há homens com todas as costelas partidas porque desejaram uma ou duas mulheres! O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importância desde que os nossos irmãos antropófagos pegaram de extrair dele *sandwichs*.

Este exemplo indelicado seduziu a esposa a considerar o marido uma substância comestível entre o presunto de javali e o fiambre de veado. Daí, o desacato, o deslize daquela patriarcal idolatria com que dez centos de mulheres genuflectiam ao santo rei Salomão.

Abastardado o antigo preito da costela ao costado, da parte ao todo, os filósofos inventaram a alma para de alguma forma afidalgarem a junção da carne à carne, do osso ao osso — frase bíblica sobremaneira bonita e asiática. Ideada a alma, cumpria ungir com os óleos místicos o pacto da aliança entre alma e alma. Acudiram os canônicos com a invenção do sacramento.

Espero que o meu vizinho não ignore inteiramente que os Sacramentos são sete. E, se esta sombra de dúvida ofende a sua ortodoxia, sirva-me de desculpa aquilo de Plutarco no seu tratado “Da maneira de ler poetas.” Diz ele: “A religião, coisa difícil de perceber, está acima da inteligência dos poetas”. Mas do sacramento do matrimônio sei eu que o Sr. Raimundo, sem embargo do seu alto lirismo, percebe o essencial, porque eu mesmo o ouvi dizer a sua esposa:

“O matrimônio foi divinamente instituído”. Por sinal que ela, ática e séptica, respondeu-lhe:

— Bem me fio eu nisso!

E a razão da sua esposa de duvidar da procedência divina da instituição, meu caro vizinho, eu digo-lhe em que bases se funda.

Instituição divina há só uma: é o mundo. Esta crença há de prevalecer enquanto o meu mestre Teófilo não quiser provar que o mundo é obra dos moçárabes. Divino é tão somente aquilo que humanamente se não faz. Os sonetos da vossa excelência, por exemplo, não me parecem absolutamente de instituição divina. O casamento também não, porque em tal ato influem o amor, o interesse, o medo, a vergonha, o reumatismo, a papa de linhaça posta por mão de esposa carinhosa nas irritações do aparelho digestivo, etc. Estas coisas são tão divinas como eu; e, senão ousa

dizer como o vizinho, é porque vossa excelência, na sua qualidade de bardo, tem lumes divinos, *mens divina*; arde, fume, evolva-se como Elias — voltaização de que se não gabam aqui os nossos vizinhos pecuniosos porque o dinheiro puxa por eles para baixo como os élitros pela tartaruga.

Vossa excelência sabe que, na antiga Germânia, consoante Cornélio Tácito descreve, aqueles bárbaros ditos casavam-se sem sacramento, sem sacerdote e sem templo. O noivo, em presença de parentes seus e da noiva, dizia-lhe: “Recebo-te como minha legítima mulher, para te haver e possuir, de hoje avante, boa ou má, rica ou pobre, para te amar e assistir em tempo de saúde e doença, até que a morte nos separe”.

Ali, divindade e padre, naquela augusta cerimônia, eram os arcanos sagrados, *arcana sacra*, o misterioso respeito ao Deus invisível, consagrado nos solitários murmurejos da selva, *lucos ac nemora consecrant*.

Ora, medite, Sr., nestes selvagens, onde as mulheres rapadas, as adúlteras, eram por tanta maneira raras, que apenas aparecia uma para cevar a execração das turbas! Pois olhe que não havia lá naquelas florestas dodônicas ideia de fêmea fabricada da costela do homem. Lá dizia-se que a criadora do mundo havia sido uma enorme e desmedida vaca, e vivia-se honradamente apesar de tão estúpida cosmogonia de uma vaca bruta; e, por aqui, no pino da civilização, com tantas vacas sabias, vamos a pique! As nossas fêmeas restituem-nos a costela, pondo-no-la como apêndice ao crânio; e, em vez de se tosquiarem à guisa das germânicas, alcantilam as cabeças com uns riçados delirantes. Atroz!

Diga-me, poeta laureado: não será injuriar Deus atribuir-lhe o vínculo sacramental do matrimônio, donde derivam tantos infernos sabidos, tantos infernos ignorados, tantos corações nobilíssimos pervertidos, tanta desonra escarnecida pelos foliões dos palcos,

tantas alcovas devassadas, tanta mulher emborcada no gólfão das lágrimas a que a sociedade chama o lodo da prostituição?

Levam a tais voragens as estradas complanadas pela mão de Deus?

Ó Sr. Raimundo, não parvoejemos por amor ao catolicismo. Não façamos da nossa hipocrisia aspa de patíbulo em que estamos sempre a cravejar a memória de Jesus, sobre quem Deus refrangiu o mais divino reflexo da sua glória.

Jesus não fez o casamento: quis fazer a nova Eva, com o pé sobre os colmilhos da serpe, e a cara amparada no seio amantíssimo do homem.

Ah! Jesus disse: “Amai-vos!” Isto de: “maridai-vos” é preceito de concílios, e é palavra que não soa no léxicon hebreu nem caldeu. Ser-me-ia mais fácil encontrá-la em Petrônio que em São Paulo. Ressuma dessa palavra um travo de impudor. Quando ela vier do intimo seio aos lábios da mulher, já lá dentro não há flor que lhe perfume o *furtum*. *Maridança!* — expressão deslavada de um ato sem vislumbre de ideal, a desfloração a começar na prosódia, um rebaixamento daquele prodígio da fantasia genética-da mulher à condição da fêmea, da retorta, do recipiente, da máquina de costura silenciosa, da matéria granjeada para reproduzir, como quem aduba um torrão que há de verdejar couves lombardas!

Atroz, Sr. Raimundo, atroz!

Que é o adultério?

É a razão insurgida contra o absurdo do vínculo indissolúvel.

A mulher, que morre no ato da sua rebelião, que é? Hoje, é uma criminosa que uns deploram, e outros impropeream na sepultura. Daqui a cem anos será celebrada como holocausto da emancipação.

Porque, de hoje a cem anos, vizinho, não haverá matrimônio, nem adultério-crime convencional e estranho à natureza, na judiciosa frase de Girardin; haverá amor durável e mantido mutuamente pela

liberdade de quebrantar o pacto. O sacramento, o nó indesatável, serão os anjos, os filhos, porque os filhos, as crianças amadas do defensor de Maria Madalena, desde então conversam com Deus, e aurem-lhe dos olhos divinos o raio de luz que reverbera entre os corações dos seus pais. Não descera a treva do tédio sobre as almas amadas. A asa pura e alva do filho cobri-las-á, quando a hidra da lascívia ressurgir das ruínas de algum extinto mosteiro de bernardos ou bernardas.

Que é o matrimônio?

A definição, dada recentemente pela minha colega Maria Deraismes, recende aromas de tão sutil feminilidade, que não há aí coisa mais balsâmica de donzelice e pudicícia!

Ora, leia, poeta e senhor meu, e confesse que, ao par disto, os seus madrigais são trovas de marujo que fadeja nas fontes cabalinas da Travessa dos Barbadinhos.

“O casamento-diz a dama, invectivando Alexandre Dumas-é a união de dois organismos, cada qual com o seu ofício a exercer, em consequência de precisões, apetites, e desejos que reciprocamente pendem a satisfazer-se um pelo outro, sendo o objeto desta satisfação a perpetuidade da espécie. Eis a essência, o fim do casamento.”

Esta minha colega fisiológica, ao que parece, é lida em Sanches, *De matrimônio*, e tem bastantes luzes de anatomia. Para alguns espíritos rasteiros e ignaros prefiguram-se no himeneu suavidades, arrobo, idealizações, evoluções mais ou menos gasosas, borboletas iriadas, etc. A Sra. D. Maria da EVA, não. Essa vê dois órgãos com apetites.

Em matéria de casamento não é cristã, nem maometana, nem pagam: é organista.

Em outro lanço, página 38, a mesma filosofia, discreteando acerca dos ditos órgãos, pondera que “a fisiologia, parte da biologia,

quando trata dos órgãos em exercício, requer a mais rigorosa imparcialidade, e a rejeição plena de tudo que é postiço.”

Apoiada! Gosto desta senhora! Se eu tivesse um filho parvo, dizia-lhe: “Casa-te com esta D. Maria da EVA, se queres saber biologia.”

Outra minha colega, que por nome não perca, diz que: “se a sua filha for sanguínea e de compleição robusta, lhe não escolherá marido fraco ou desfalcado de forças por libertinagem.”

É também organista.

Cá está outra: a Sra. D. Hermance Lesguillon, versada em Aristóteles.

Esta dama abespinha-se razoavelmente contra Dumas, porque ele parece alvitrar que as meninas se abstenham de interpretar muito à letra o preceito genesíaco. A douta matrona, autora de quatorze livros, exclama:

“Qual é o fim da criação? É decisivamente convento para as mulheres e mosteiro para os homens? Isto, a falar verdade, é ridículo! Onde quer o Sr. que elas vão? Aos vícios contranatura, como Aristóteles os atribui ao masculino nas republicas gregas?”

Veja-me esta sábia, ó Sr. Raimundo!

Quer agora regalar-se com um pedacinho de apostrofe contra o mesmo vício dos gregos?

“Cautela, eterno masculino! O próprio Deus se ofende desses atentados contra a natureza! Esses impudicos mistérios que cometeis contra a mulher — obra da predileção e ternura divinas — ultrajam Deus!”

Mistérios impudicos que ela lá sabe, como se não fossem mistérios.

Vista dupla do gênio. Enfim, sempre é dama que lê Aristóteles, como a sua esposa, meu vizinho, não é capaz de soletrar a *Palavra*, gazeta de letras de 10 reis, as quais não podem formar uma inteligência de pataco.

Conta a referida literata que certa donzela sua amiga, em véspera de casar, leu o *Homem-mulher*. Entrou o noivo, e achou-a a tremer de pavor com o livro entre mãos. Pergunta-lhe que tem; ela mostra-lhe a brochura, e aponta-lhe com o dedo de Ágata aquele truculento “Mata-a!”

— Que lhe parece isto? — disse a pálida noiva.

— Soberbo! — responde o gentil namorado—Não há aí palavra ociosa. O remate principalmente é ótimo!

E a menina, sem mais delongas, desmaiou. E, assim que recobrou os sentidos, disse à mãe que não queria semelhante marido.

Rodeiam-na as suas amigas; forma-se sinagoga de senhoras conspícuas, e concede-se à loira Alice a palavra para explicações.

E a menina entre outras frases, expediu estas do seio arquejante:

— Aquele *mata-a! mata-a!* zumbia-me nos miolos! Estarreci!... Como há da gente jurar que será sempre a mesma, quando o livre arbítrio está dependente de outro? Poderei responsabilizar-me por amá-lo sempre? Se me ele sair abominável, por sentimentos, e violento, caprichoso e déspota, poderei sofrer a minha impaciência? Se ele me não agradar depois, poderei amá-lo?

Vizinho, bacorejou-lhe à prevista menina onde iria parar ao diante, e teve medo. Honrado susto! Não lhe assevero que ela soubesse biologia, nem miologia, nem manuseasse as políticas aristotélicas; mas de tal donzela há muito que esperar, cientificamente falando. Destas vitelas tenras é que se fazem as vacas sabias e duras.

Mas não se persuada, senhor meu, que a discreta Alice apresilhe no colo de alabastro a túnica de vestal. Longe disso. Tenciona casar, porque as matronas acadêmicas lhe prelecionam biologicamente que a perpetuidade da espécie é condição indeclinável. Diz ela então muito aforçurada:

— Hei de casar com pessoa cujos sentimentos eu conheça radicalmente; quero que eu e ele saibamos com o que podemos contar, e se as nossas simpatias são recíprocas... Lá do enxoval, que estava pronto, não se me importa já... Eu ia casar com um sujeito que não amava nem conhecia. Primeiro que tudo, quero amar os sentimentos honestos do meu namoro. Com tais condições, tudo se arranja bem. *Seremos depois indulgentes um para o outro.*

Bastante petisca; mas boa rapariga de lei! E ingênua então... até ali! Confessa que esteve a ponto de casar com homem que não amava; mas casava tão de vontade como voluntariamente o rejeitou. De sorte que, se não aparecesse o livro de Alexandre Dumas, veja vossa excelência que destino se estava aparelhando para o marido daquela senhora!

Ó vizinho, sabe o senhor? eu, se tivesse um filho indulgente, dizia-lhe: “Rapaz, se não levas a mal que o almoxarife da casa de Bragança, em Vila Viçosa, te mande agarrar e recolher à tapada como cervo tresmalhado, casa com esta menina perliquiteta.”

Agora, duas páginas sérias, Sr. Raimundo.

Cá tenho a pitada engatilhada ao nariz circunspecto. Devo-me ao futuro do meu país. Vou enviar-me gravemente à posteridade.

Não me consta que em Portugal, por enquanto, alguma das gentilíssimas damas, que recolheram a herança das Sigeas, Alornas e Possolos, haja saído à liça a esgrimir com o fulminante estilista francês. Parabéns à constelação de estrelas que cintilam anualmente no *Almanaque das Senhoras!* Que não baixem da região excelsa em que são contempladas cá destas cavernas onde urram alcateias de feras. Se anjos descerem a envolverem-se conosco, sairão desluzidos, com as cândidas plumas encarvoadas do suor negro dos nossos pugilatos. Nós, os gladiadores desta arena, se as santas estrelas se apagarem, não teremos a quem saudar, moribundos.

Não as induzam exemplos de escritoras francesas nesta melindrosa contenda. A ciência perigosa, que lhes sobeja, é escorregadia, pudor

abaixo, até ao desdouro da ideia e da forma. Já lhes não basta a área modesta dos argumentos colhidos nos mananciais doces do coração e da alma. Rompem as fronteiras das ciências físicas e graduam quimicamente os glóbulos cruóricos do sangue de cada mulher.

Dão vênia e desculpa aos temperamentos rijos, e acham menos perdoável o desacerto da esposa linfática. Devassam os latíbulos de Sodoma, e dardejам por sobre a espádua de Aristóteles frechas sarcásticas à cara purulenta dos lázaros que raspam a sua lepra nas sargentas. Abrem Bichat e De Bienville para nos ensinarem o que é a esposa anatômica e fisiologicamente. Uma, que diz ter filha ainda criança, promete consultar o calórico, os estos e o arfar do sangue da sua filha nubente, quando houver de lhe escolher o homem.

É uma senhora quem pensa e escreve estas carnalidades, e as estampa e atira o livro à onda suja, que espuma nos tapetes das salas de Paris e de todo mundo. As avezinhas, esvoaçadas do pombal do *Sacré-Coeur* para o baile, para o teatro, para o *Bois*, seguem o olhar lavateriano das mães a cada homem anêmico ou pletórico, descarnado ou enxundioso, que se aproxima. Isto sobreleva a torpeza tolerada à mulher que esconde o seu aviltamento nas alfurjas. Neste frenesi de esgarafunchar em temperamentos, será racional que o noivo se exhiba e sujeite a ser apalpado no crânio pela mãe da noiva, com Spurzheim aberto, para averiguações de bossas, e confronto de protuberâncias das duas cabeças examinadas como aptas ao maquinismo da procriação. Alvitres daquela estofa, dados por um ébrio no *estaminet*, revessam-se precipitados no sedimento do absinto e do haxixe; mas, decoados pelos prelos, tornam a crônica das orgias de Trimalquião um livrinho digno da puerícia, um “Ramilhete de cristãos”; e, se derivam por entre os dedos translúcidos de uma senhora, ah! eu não lhes sei o nome! — a minha vontade é chorar um choro grande como o profeta Ezequias: *flevit fletu magno!*

E vossa excelência não chora, Sr. Raimundo? Esponje-me dessas entranhas de poeta fios de lágrimas; depois, enxugue-se, e leia, se está de pachorra.

Aquelas e outras damas que tais livros escrevem, inspirando-se da catástrofe de Denise Mac Leod, assassinada, pouco há, pelo marido, afugentam a piedade de ao pé da sepultura onde o Arcanjo sombrio e mesto da paixão se abraça à cruz das Manas Egipciaca e de Cortona. A desgraça no túmulo é inviolável. As mais austeras consciências se comiseram das infelizes dilaceradas pelas rodas deste péssimo maquinismo social; todavia, a compaixão não é assentimento às irrefletidas damas que peroram às turbas mostrando a túnica ensanguentada da vítima, como quem mostra o punhal de Lucrecia. Se nos querem comover, chorem primeiro. Lágrimas, lágrimas. Nada de retóricas lardeadas de doutorices. Em vez de fisiologia, espiritualismo. Alma; e de corpo só o *quantum satis*. Contem-nos segredos das suas fragilidades maviosas; coisas do seio para dentro; flores de coração, que, ainda afogadas e delidas na raiz por abundancia de lágrimas, espiram sempre olores de inocência. Se se desviam da honra, aconselhadas pelas suas sabenças, então está tudo perdido! Em organismos, em sangues ricos ou depauperados, em disciplinas do 3º ano medico, façam-nos o favor de nos não aperfeiçoarem. Receamos que as suas excelências nos intinem tarefa de croché, enquanto elas, montando os óculos, abrem o grande volume de Harveus, e, para nossa confusão e escarmento, pegam de declamar: *Exercitationes quosdam de partu: de membranis ac humoribus uteris et conceptione*. Eu tenho este livro, vizinho; e, se uma filha que hei de ter, me abrir o livro e o traduzir no capítulo Propagação da espécie, mato-a; para que o filho do Sr. Alexandre Dumas, vindo a ser meu genro, ma não mate, aconselhado pelo pai.

Sr. Raimundo:

Eu não sei se a sua esposa é instruída e bastante profunda em *Ponsondu Terrail*. Que não vá ela arrenegar do mau vizinho da porta

como de todos os diabos, malsinando-me de zoilo de damas que versam com mão diurna e noturna os romances da “Biblioteca econômica”.

Não, senhor.

Acato a sabedoria das senhoras, quando a figura lhes dá jeito de viragos, feitio de mestras regias jubiladas, e um não sei que de sexo canônico.

Que a sua esposa, jovem e galante, recite ao piano trovas de lavra própria, e escreva o soneto acrostico no dia natalício do marido, acho isso bonito, senhoril e benemérito de um até dois ósculos castos e dignos da testa da Minerva antiga. Mas, se ela descambar das branduras eróticas de Safo para as meditações sociológicas da Sra. Canuto, peço-lhe, vizinho, que a obrigue a ler as obras do meu mestre doutor Teófilo, a fim de ganhar ódio à letra redonda-virtude supranumerária dos escritos daquele varão.

Houve damas que lograram entalhar seus nomes na árvore imortal da ciência; essas, porém, não desgarraram da senda florida por onde as abelhas do Himeto lhes saíam a dulcificar mulherilmente a frase. Dou-lhe como exemplo Stael.

De envolta com vastíssima lição entreluzem, nos seus livros mais grados, donaires feminis, e gênio acendrado na fragua do coração. Ao propósito desta estéril peleja, que se renova cada vez que um marido se furta às prezas da irrisão publica, atirando às da morte a esposa adúltera, Stael perpassou ligeiramente, como lhe cumpria, pela solução do divórcio, reprovando-o. No extremado livro chamado *Da Alemanha*, escreve a insigne pensadora: “É forçosa coisa confessar que a facilidade do divórcio, nas províncias protestantes, macula profundamente a santidade do matrimônio. Tanto monta mudar de marido como urdir as peripécias de um drama. Lá, a boa índole dos homens e das mulheres permite que semelhantes rompimentos não sejam amargurados... É, todavia, certo que, à conta disso, a consistência do caráter alquebra-se, os bons costumes

abastardam-se, o espírito paradoxal alue as mais sagradas instituições, e não há aí determinar regras sobre coisa nenhuma”.

Aqui tem sentimentos que frisam honradamente primorosos em índole de senhora nesta questão, a todas as luzes péssima, por nimiamente arriscada. Aquele parecer é talvez vulnerável, e não resistirá, porventura, a Portalis ou Montesquieu; mas o que a ciência lhe respeita é a honestidade. Filha, esposa e mãe, tudo no extremo em que a eminente escritora logrou ser, em vida tão aparcada de angústias-respiram naquele pudibundo resguardo à seriedade do casamento. Ela não quer o divórcio: quer a dignidade na paciência, quando faleça no homem a probidade de marido.

Compare-ma, Sr. Raimundo com estas Hippatias de 1872. Em quanto a poetisa de *Corina* linimentava suas magoas de expatriada com a *Messiada* de Klopstock, este outras, com o cérebro ainda escaldado dos meteoros de petróleo, justificam o desaire das esposas com a fisiologia de Muller, e vão ler, ao lampejo dos círios mortuários, que ladeiam o ataúde de Denize Mac Leode, as vaias que o filosofo de Stagira desfrechava contra os pederastas espartanos.

Quer vossa excelência ler, a ocultas da sua esposa, um molde de altercação, entre marido e mulher, que D. Maria da EVA, lhe oferece em desculpa da adúltera?

MARIDO

O adultério da minha mulher pode fazer-me pai de filhos alheios.

ESPOSA

O adultério do meu marido pode arruinar-me os bens de fortuna.

MARIDO

Tu devias ter força e juízo para não sucumbir.

ESPOSA

E tu, que representas a razão, foste o primeiro a prevaricar: não fiz mais que pagar-te na mesma moeda.

MARIDO

A minha culpa foi um mero capricho dos sentidos.

ESPOSA

E a minha foi uma necessidade. Quiseste que eu fizesse de viúva sem ter enviuvado.

Aqui tem! Que senhoraças! Não lhe faz saudades a decência das *Cartas* de Ninon de Lenclos? Eu estou em dizer-lhe como o poeta,

que honras e famas

Em tais damas não há para ser damas.

E, por tanto, vizinho e amigo, à vista do que pregam estas pandorgas foliculárias, sintomas de acirro incurável no coração da França, somos entrados em período de decomposição. Salve-se quem puder com a sua companheira desta pior Troia, e leve alguns penates reduzidos em espécies bancarias sobre os hotentotes, e vamos para lá muito nas boas horas, se a vossa excelência não prefere antes que fiquemos para moralizar as massas.

Eu, de mim, antepoño o martírio à fuga. Irei bradar debaixo dos muros desta segunda Jerusalém, sem me esquecer de Barcellos, Amarante, Lamego e outras Nínives corrompidas. Se os de dentro me amolgarem a cabeça à pedrada como fizeram ao outro enviado do Senhor, arranje vossa excelência a formar de mim um sujeito legendário, depois de consultado mestre Teófilo arbitro das castas-sobre a raça em que me há de grudar.

Sou apostolo comedido e modesto, Sr. Raimundo. Não me desvanecem presunções do convencer. O que faço é alqueivar bravios: o sementeiro virá mais tarde.

Repare, no entanto, por essa vida de seis mil anos fora que vem flutuando desde os chãos. Não vê uns altos e eternos padrões assinalando paragens que o gênero-humano fez para ouvir a consciência da sua força, o Deus interior, pela voz dos oráculos?

Sobre esses padrões há umas estátuas que topetam com as estrelas. Chamam-se Moisés, Fó, Kong-Fou-Tsée, Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Paulo, Galileu, Lutero, Vico, Descartes, Kant, Kepler, Leibnitz, Newton, Pascal, Montesquieu, Voltaire, etc.

Cuida vossa excelência que as torrentes da vida intelectual e progressiva se rebalsaram neste pântano descompassado em que as rãs, por entre os rabaçais, nos estão coaxando ciência... de rãs? Está iludido, vizinho. A natureza humanal fermenta, tem febre como puérpera de um grande feto que lhe escouceia os flancos, fita grandes orelhas abertas aos rugidos da ideia nova que vem da Cafrária, e assesta o óculo de longa mira às brumas do horizonte, onde, a espaços, lhe corisca um pirilampo, que, se não é Teófilo, sou eu.

Se é ele, digam-lhe que se abra. *Epheta!* — palavra hebraica, que quer dizer: *abre-te!* Melhorar os costumes das raças deve ser-lhe mais fácil que a costumeira de inventá-las. E ele, como o vizinho sabe inventou-se a si, inventou aquilo! Pois então que fale, com dispensa até da sintaxe. Que espirre candeias na treva que se está condensando à volta do cérebro social—a família. Que laqueie a grande artéria aorta da sociedade humana-o matrimônio. Que defeque o intestino cego das raças germânicas e latinas da ténia que o rói-o adultério. Que nos diga, enfim, Teófilo o que se há de fazer ao dono ou dona desta prenda!

Ninguém receia que se esquive de entrar nesta gafaria de tabardões, com o seu emplasto, ele, que entrou com 3.725 páginas em 8º no gazofilácio da pátria. Sabia isto, vizinho? E nós, os seus discípulos laudanizados, esperamos que o mestre, depois desta sonolenta operação de Mesmer, nos transporte às regiões translucidas do espiritismo.

Entretanto, porém, que o vidente incuba, vou eu arroteando o chavascal que ele depois tosaré mais a preceito.

Sr. Raimundo, poeta laureado e amigo:

Alexandre Dumas Filho quer que Caim casasse com uma macaca, natural do país de Nod, terra desconhecida a Estrabão. É logicamente rigoroso que um país desconhecido a Ptolomeu e outros geógrafos antigos seja país de macacas. Se a vossa excelência não achar no mapa de Portugal a terra onde fui criado e educado, a Samardã, tão chasqueada por Filinto Elísio, fica autorizado a decidir que eu, em pequeno, andava lá pelos bosques a brincar com as caudas dos cinocéfalos, meus mestres de ginástica e gesticulação.

— Onde és tu, meu amor? — pergunto, na praia da Foz, à mulher que adoro.

— Sou de São Gonhedeo — responde ela.

— De São Gonhedeo? Espera aí.

Abro o “Dicionário geográfico”, de que ando munido depois dos últimos acontecimentos. Procuo São Gonhedeo, e não acho.

Começo a suspeitar que o meu amor é de Nod; que é, pelo menos, amacacada. Disfarço, acendo o meu charuto, e safo-me. É o mais prudente.

De Caim e da sua esposa Catarina (sem *dom*: receio que a vossa excelência, esquecido dos seus estudos zoológicos, faça a mulher quadrúmana de Caim homônima da inspiradora de Luiz de Camões. *Catarina* é o nome de uma das duas tribos da primeira família de macacos. Veja Milne-Edwards, Dumeril, Lamarck, e a mim, *passim*) de Caim e da sua esposa Catarina procedem, segundo Alexandre Dumas, as mulheres de má raça e condição bravia. Pelos modos, nesta progênie maldita, os machos são poucos, sem embargo de enxamearem por aí em barda uns que macaqueiam Schlegel e Kant como uma foca pode remedar um acrobata árabe.

A geração de Caim, continuada em Cam, brunida pelo esmeril dos séculos, adelgaçou-se e poliu-se de feitio que já se confunde hoje em dia com a descendência abençoada de Sem e Jafé. Vossa excelência (permita o exemplo) está persuadido que a sua senhora é da raça

boa, e faz muito bem; mas vá de hipótese que a sua mulher amua e trinca o lábio porque o vizinho resiste a renovar-lhe a cuia. Parece-me que será então acertado reparar se ela nessa ocasião rói o sabugo, se coça os quadris com o dedo indicador, e anda de cadeira para cadeira a dar uns saltos suspeitos. Se este desgraçado pressuposto se realizar, vossa excelência não será demasiadamente iníquo desconfiando que está matrimoniado com uma senhora que tem nas veias um litro de sangue de macaca. Feito o descobrimento antropomórfico (queira desculpar esta gregária), nenhuma cautela é de mais. O bom siso pela minha boca humilde, aconselha o vizinho que lhe dê a cuia, duas cuias, e três nozes para ela se desarrufar. Se não fizer isto... estende-se, Sr. Raimundo.

Começam a entreluzir os meus princípios acerca do adultério. Já achou, vizinho?

O adultério é um fatalismo orgânico. A mulher de estirpe macaca é irresponsável do fratricídio e casamento bestial de Caim. A rola arrulha, o sagui chia, cada qual segundo a sua natureza glótica. O homem não deve sangrar à ponta de punhal a artéria onde o supremo gerador injetou sangue viciado. Ninguém se lembrou de fazer irmãs da caridade as hienas, nem encarregou os paquidermes de missionarem aos pretos seus vizinhos.

O crime depreende-se da liberdade do não praticar. A bossa impede o arbítrio.

O homem, que descadeira a mulher vítima da fatalidade do seu organismo, será capaz de me desfechar um revólver à queima roupa, se eu lhe não aceitar a corte. E eu não lha aceito, porque não está na minha organização aceitar a corte do masculino nem do neutro. Sou irresponsável da minha esquivança às carícias ardentes dessa pessoa.

Não posso amar o sujeito que me enviou uma camélia, ou um frasco de água de Colônia do Farina. Se esse galã me bater, sobre ser asno, é feroz.

Os legisladores, menos arredios das leis naturais, estatuem que marido e esposa se divorciem, dada a incongruência de gênios, agravada pela prevaricação dos recíprocos deveres da fidelidade conjugal. O divórcio, porém, restrito à separação do foro conjugal e bens, não saneia as feridas abertas na honra. A mulher resvala com o nome do marido a todas as voragens onde a irresistível condição a baqueia.

Há de ele, por tanto, matá-la para desacorrentar-se do pelourinho do vilipêndio? Não; porque mata um autômato inconsciente da sua queda. É como se andasse às facadas aos seus amigos, porque eles, na sua qualidade de corpos, obedecendo à lei da gravitação, pendem para o centro da terra.

“O divórcio judiciário constitui o casamento escola de escândalo”, diz o douto dramaturgo do *Suplício de uma mulher*. E acrescenta: “A interferência de juízes é quase sempre cega ou nociva. Se entre casados há motivos de divórcio, deem-lhes plena liberdade de se desligarem”. Até aqui o primeiro publicista de França.

Mas divórcio incondicional, rompimento sem clausulas. Se há dote ou bens parafernais, a mulher é credora, não já do marido, que é um título extinto, mas do detentor incompetente dos seus haveres.

Essa mulher, livre, pode encontrar marido da sua espécie, com três partes de macaco ou mais, que lhe não estorve os instintos, e ser ditosa, como a esposa de todos os sujeitos de prol e tino,

Que não são de ciúmes ofendidos.

E, simultaneamente, aquele homem, desatado do vínculo infamante, pode topar uma descendente de Jafé, esposa leal, sanguínea ou biliosa, mas sobretudo honrada, que é melhor que linfática.

E o sacramento? — pergunta-me o vizinho com a Cartilha de Mestre Ignácio em punho.

O sacramento, Sr. Raimundo, é um atentado contra a natureza; é, na frase enérgica de Girardin: — “uma pretensão ímpia dos

fabricadores de leis positivas, profetas e legisladores a desfazerem as leis naturais para refazerem o gênero humano sob o nome de Sociedade”.

Observe que Girardin foi marido exemplar de Delfine Gay, a mais formosa e ilustrada alma no mais gentil corpo de parisiense. Pondere nisto.

Mas muito mais ponderosa é a questão dos filhos. Que se há de fazer às crianças, flores que desbotoam à ourela dessas sentinas, anjos nítidos que passam deplorativos por entre as lavaredas desses infernos?

Os filhos, legítimos ou bastardos, adulterinos ou incestuosos são iguais perante a mãe. Ela é quem não duvida que os filhos são seus. Receba-os, leve-os, que talvez leve consigo os esteios do seu reabilitado decoro. Mas, se o marido os quiser, deixe-lhos, que bem amparados ficam no seio do amor. Deve de ser imenso o bem-querer do homem que lava com as suas lágrimas os estigmas na face do filho da mulher pérfida e repulsa.

Pergunta-me o vizinho se, em harmonia com estes paradoxos, o casamento, a aliança sacramental de homem e mulher acabam.

Acaba o que a sociedade fez, violentando o que a natureza tinha feito. Mulher e homem volvem ao que foram.

Target, o colaborador do Código Civil da Convenção, responde-lhe melhor do que eu: *Onde quer que a sociedade encontrar um homem vivendo com uma mulher, deve reconhecer um consorcio apto para dar aos filhos o direito da legitimidade.*

— Paganismo!

Seja o que a vossa excelência quiser; mas olhe que já não é bom tom trejeitar visagens e momos quando a razão joeira perolas no lixo da Roma de Agripa e Sêneca, de Catão Censorino e Marco Aurélio. Se o vizinho admira nos Congregados e na Trindade muita senhora, devota e escrava de Maria Santíssima, não se edificaria menos

entrando em Roma no templo do Pudor, edificado pelas Vetúrias, Cornélias, Calpúrnias, Sulpícias Pretextatas e Arrias Marcelas. Estas ou morriam com os maridos amados, ou vingavam-nos. O opróbrio não ousava erguer a cabeça petulante de sobre a alta barreira que extremava aquelas matronas das Sílias e Octavias, das Apuléias Varílias e das mulheres de Cláudio.

O vizinho sabe que na Roma pagam, dado que o divórcio pendesse da simples deliberação de um ou de ambos os cônjuges, ou ainda do mero capricho do marido imoral — quer ele se chamasse Nero ou Cícero decorreram quinhentos e vinte anos sem um exemplo de divórcio.

Montesquieu explica o fenómeno: “Marido e mulher sofriam-se pacientemente os mútuos dissabores caseiros, por isso mesmo que podiam acabá-los; e, só porque tinham livre o uso desse direito, passavam toda a vida sem praticá-lo”.

Aí está a minha ideia peneirada aos ventos quadrantes da opinião tempestuosa das turbas. Ruja a leoa da hipocrisia na sua caverna-que eu, à laia do varão justo de Horácio, ouvirei sem pavor o estrondear do mundo derruído à volta de mim, visto que tenho assistido impávido aos estrondos de todas as filarmônicas de que sou sócio prendado. *Impavidum ferient ruins.*

Direi agora da vossa excelência, e de mim, e aqui do vizinho especieiro da esquerda, e de outros súcios do masculino.

Napoleão I, na ilha de Santa Helena, mandou escrever no seu *Memorial* que “um homem deve ter muitas mulheres”. Fez o que disse, e formulou uma máxima ao alcance de todos os tolos, salvo seja. A águia de Austerlitz alçou aos paramos da sua ascensão axiomática os ínfimos escaravelhos e osgas destes nossos pais burgueses.

O nosso velho amigo D. João Tenório incorporou-se em toda a casta de galã esgrouviado, de galã mazorro, de galã aparrado no corpo e na alma. Os monarcas, constituídos Luíses XIV de refugio, meteram

nos paços uns retalhos de Constantinopla, com a diferença que os seus camaristas — os lançarotes-não poderiam gargantear de falsete na capela sistina. Pela sua parte, os sapateiros, convictos da igualdade do homem perante a mulher, fizeram-se também califas de sultanas cozinheiras, imolando à sua intemperança de amores o decoro das cozinhas e a perfeição das almondegas.

Está, pois, derrancado o masculino desde o trono até à tripeça.

E diga-me cá, ó vizinho: onde iria cada homem buscar as muitas mulheres decretadas por Napoleão o grande? Fora do triângulo? era impossível. Vossa excelência está bem certo do que é o triângulo? Vem isso lucidamente explicado no *Homme-Femme* de Alexandre Dumas. Triângulo é o homem-movimento, é a mulher-forma, e é Deus manifestado nessas duas coisas que se unem. E, se não se unirem e amalgamarem numa só, nem o homem terá forma, nem a mulher se moverá. Por tanto, homem sem mulher tem peso, mas não tem feitio; mulher sem homem, nem se quer é um *móvel*, porque é imóvel. Mais claro do que isto, só um preto e a *Poesia do Direito* de mestre Teófilo.

Logo que o Código Penal não providenciou contra o homem, contra o movimento, que se quisesse apropriar vinte formas de uma assentada, era de esperar que a sociedade sofresse grande terramoto nas suas mais augustas instituições. Assim aconteceu. O homem, abroquelado com a impunidade, desfraldando a bandeira da natureza em bruto, arpoou as suas preás no próprio tálamo conjugal. Tal marido, que tinha uma só forma, perdeu a mulher, e ficou amorfo, sem feitio de casta nenhuma.

Outros, que tinham duas formas e daí para cima, lá se avieram melhor com a sua vida. A mulher, essa é que nunca ficou entrevada, à míngua de movimento, porque o homem para ela era como o ramo de Virgílio: — homem ido homem substituído:

Primo avulso non deficit alter.

Choveu então aquela praga de leões devastadores, *Leo vastratix* de Lineu — uns ribaldos que se gabavam de ser pais de todos os nossos filhos. E seriam; — o diabo o jure!

Estes homens eram negros ou pálidos — Otelos ou Romeus. Tinham maneiras cismáticas nas salas. Sombrios como anjos precipitados; demônios ainda belos do resplendor do céu perdido. Liam romances do visconde de Arlincourt, cheirando a patíbulos ensanguentados. Bebiam conhaque, na abundancia, em que o *crévé* de hoje em dia, o seu filho degenerado, bebe água de Entre-ambos-os-rios para desentupir o fígado. Comiam berbigões e outros testáceos com salada de malaguetas.

Às duas da manhã saíam dos seus antros da Águia de ouro, chapéu derrubado, capote às canhas, e içavam a devastação das famílias pelas trapeiras com escadas de corda.

Estes devassíssimos Richelieus de esnoga eram conhecidos. Toda a gente fina sabia que eles bebiam as lágrimas de umas senhoras pelos crânios das outras. E, não obstante, a sociedade decretava-lhes a primazia na elegância, o primor na cortesia, e bom-gosto nas fidalgas estouvices.

Era vê-los nas salas.

As meninas remiravam-nos de esguelha, tremidas de amor e medo; e aconchegavam-se da égide tutelar da mãe que lhes segredava em suores de aflição:

— Aqueles homens têm manfarrico! Meninas, não olhem para eles, que tem perdido muitas donzelas, e de casadas não há conta nem medida.

E as meninas ficavam sabendo que as donzelas se perdiam como as casadas; e, se perguntavam o destino dessas perdidas, as mães respondiam:

— Não vêes ali D. Pulquéria? D. Atanázia? D. Hermenigilda? e etc.?!

Elas reparavam castamente, e viam as três nomeadas, e as *etcoeteras*, refesteladas em poltronas, arraiadas de seda e pedras. E, depois, viam-nas ir, sobraçadas pela cinta desnalgada, nos braços daqueles homens precitos, regamboleando a perna com furor macabro naquelas polcas de então que eram a própria lascívia, o segredo descoberto das coreias na festa da deusa Bona.

Eram assim iniciadas as meninas ao sair do colégio: mostrava-se-lhes o sedutor fatal com o prestígio das salas e dos amores defesos; mostrava-se-lhes a mulher desonesta com as regalias dos diamantes e das polcas.

Parabéns, vizinho! Daqueles homens, uns morreram; outros, prostrados ao canto da leoneira, urram nas angústias da gota, e pitadeiam do meio-grosso.

Durma vossa excelência sossegado nos braços da esposa fiel e da polícia civil.

Escada de corda não consta há muitos anos que as patrulhas topassem uma funcionando contra o pudor público. Das muitas cordas que houve, suspeito que os seus possuidores se serviram, enforcando-se afinal com elas para desagravo dos bons costumes.

Verdade é que se dispensam escadas, se a hipótese etológica de Alexandre Dumas é verdadeira — a hipótese das macacas, à qual eu racionalmente associo a hipótese dos macacos, com bastante desaire do meu sexo. Aqueles bichos atrepam contra todas as previsões da polícia. Um bugio é capaz de enroscar a cauda na sacada do vizinho da esquerda, e baloiçar-se à janela do Sr. Raimundo com a maior limpeza de trabalho: *quod di omen avertant* — o que os deuses não permitam!

Seja como for, ouço dizer que os defuntos leões, se não deixaram leônculos com as manhas paternas, inocularam na geração atual o que quer que fosse da sua postema. Por aqui na nossa rua e nas travessas limítrofes, graças aos temperamentos, não tem havido, que eu saiba, suplício de macaca; observo, porém, cheio destas tristezas

modernas, que, uma vez por outra, lá ao longe, certos maridos, ignorantes do casamento de Caim no país de Nod, vão exercitando o ofício do avô sem se importarem dos costumes da avó: matam.

Esta ação, vizinho, se me não parece digna, sem reserva, do maior elogio, também a não impropero em diatribes de Sganarello que defende o seu impudor próprio, arguindo a crueldade alheia.

Isto de trair é um funesto pendor do organismo. E matar, ao meu ver, é uma funesta e irrecusável influência da neurose. Mulher, que refrear os ímpetos do seu temperamento, é tanto como divina, senão é mais, porque sopesa a natureza, divinamente saturada do deus universal, do grande Pan indivisível. Homem traído, que sente em si o retalhar de dois gumes, amor e honra, dois cautérios a sarjar-lhe a um tempo coração e cérebro, que arde em anciãs de matar como ardera outrora em ânsias de amor, tal homem, se perdoou, é um santo, é a mais bela e perfeita desgraça que Deus criou.

Não temos, porém, que ver com aquelas exceções. Balancemos o turibulo da nossa admiração à Providência dessas almas, e desandemos para a feira franca onde o satã de Gil Vicente enfeirava as suas vitualhas.

O comum dos adultérios é a retaliação, o despique, a mulher que a si se despreza porque se vê aviltada do marido. Ele, sacerdote do amor, erigira-lhe altar e idolatrara; depois, esfriado o fervor, apeara o ídolo, e assentará sobre a peanha profanada a deidade nova, com resplendor de seduções infames. Primeiramente, o amor e vaidade choraram no coração da mulher expulsa do templo; em seguida, o orgulho represou as lágrimas, fê-las peçonha de vingança; e, por derradeiro, livelou a mulher vingada ombro a ombro do homem libertino. Eles aí estão, dignos um do outro, levados pelo delito social às leis autênticas da natureza. Acabou o artificio do marido-esposa. Restaurou-se o macho-fêmea. Romperam o pacto da fidelidade? desonraram-se reciprocamente? Muito bem! Hosana aos filhos da natureza! *Urrá* pelo rebanho de Epicuro! Qual matarem-se!

Vivam! no lar ou na rua, na lama ou nos arminhos; mas vivam e medrem como gente de boas e bem saldadas contas.

Isto é o que a lei quer, o que a religião da caridade aconselha, e o que a sociedade tolera com um bem dissimulado respeito.

Todavia, há aí uns celibatários, extraviados dos concílios, amantes extremosos, pais loucos de amor aos filhos, mas, enfim, celibatários impudicos, que sorriem, a ocultas, dos maridos logrados.

Quem disse a esses malsins do lar alheio que tais maridos são logrados? Com que protérvia se a fama da esposa estigmatizando-a de pérfida? Esposo traído e mulher trega são os que reciprocamente se mentem. Cessa a ignomínia da perfídia onde começa a luminosa tolerância da desforra.

E, por tanto, a invasão da crítica ao seio da família, que não reclama a interferência do Código Penal, é uma vilania estúpida, um insulto à liberdade dos cultos.

Sr. Raimundo, sei de umas pessoas, que mofam cruelmente dos maridos enxovalhados pelo desdouro das mulheres. Ora, esses que hoje escarnecem o homem desonrado, apedrejá-lo-ão amanhã, se ele oferecer o cadáver da adúltera como resgate da sua honra.

— Matar! Oh! não, assassino! Despenhasse-la antes com um pontapé, de abismo em abismo, até aos nossos alcouces. Nós já temos encontrado cá mulheres ilustres como a tua. Borrifamo-las com a champanhe das nossas orgias. Ouvimo-las espumear dos lábios roxos o nome dos maridos por entre o acre do álcool. Vimo-las repintadas de esfoliações esqueléticas no rosto. Soubemos enfim que o lençol da misericórdia as baldeou da enfermaria à vala. E os maridos viveram e sobreviveram, porque tinham juízo na cabeça, e abrigavam religiosamente no coração o augusto preceito: não matarás! — Apoiados! Sr. Raimundo, apoiados! Estes homens falam bem: são os sociológicos, os filósofos, os estoicos, os cultos, sou eu, é vossa excelência, se me não ilude a confiança que pus na sua capacidade, hão de ser os jornalistas, os legisladores, os juizes e os

jurados, quando a brocha der a última de mão neste mascarrado edifício social.

Se eu tivesse um filho, havia de encouraçá-lo para se afrontar, intemerato e invulnerável com esta sociedade cancerada. Criá-lo-ia debaixo de mão, e no regaço da mãe virtuosa, até aos trinta e cinco anos, vestido de menina. Depois, mandá-lo-ia estudar primeiras letras, e últimas, com professor de acrisolada santidade de costumes-mestre régio que houvesse tido a heroica abnegação de viver com o que lhe dá o governo, sem me sair à estrada a roubar-me o relógio. Aperfeiçoada desta arte a educação intelectual do meu herdeiro, eu iria com ele a um ponto culminante da cidade, à Torre dos Clérigos, por exemplo, na falta da montanha de Alexandre Dumas, e dir-lhe-ia o seguinte:

Meu filho, tens quarenta anos. Fizeste exame de instrução primaria: — coisa que eu não era capaz de fazer. Sabes as *Raízes da formação dos tempos*, conjugas um verbo irregular, tens luzes não vulgares do *Pretérito mais que perfeito composto*, bebeste a longos haustos os *Lugares seletos* do Sr. Padre Cardoso, e vislumbraste Guizot através da história pátria do Sr. Motta Veiga. Estás pronto. Eu é que não sei nada disso; que desbaratei a minha mocidade com o *Tesouro de meninos*, e depois com a tesoura das meninas, umas costureiras que me cortaram os voadouros, quando eu batia as asas para a região superior do *Manual enciclopédico*. Perdi-me. *Delicta juventutis meæ*.

Em compensação, meu filho, fiz enxertar no teu cérebro dois garfos da ciência universal. És um reportório dos conhecimentos humanos e prestadios. Estás habilitado para tudo, desde porteiro do Montepio dos empregados públicos até ministro da Marinha.

Portugal é conquista dos talentos, como sabes.

Espera-te uma cadeira velha na Academia Real das Ciências, e outra no Gabinete de Leitura de Lamego. Tem-me d'olho estas duas couçoeiras luzentíssimas dos penetrais da imortalidade.

Tenho a satisfação de saber que chegaste à florida idade dos quarenta, sem que uma só pétala se haja fenecido na tua grinalda de virgem. No meio desta fornalha de Babilônia, portaste-te como verdadeira salamandra. Era grande o meu júbilo quando te via chegar a casa em mangas de camisa, e, rosado de pejo, me dizias que mulher de Faraó te despira o fraque! És um menino das eras antigas. Em tempo de D. João V e outros reis castos, serias sacristão de Mafra ou da Patriarcal. Hoje em dia, a virtude da continência levada a tamanho apuro, poderá, quando muito, permitir-te a diretoria interna do Asilo das velhas do Camarão.

Meu filho, é tempo de entrares na forma, quero dizer, de teres forma, de completares o triângulo com a esposa.

Casa-te, se queres; mas, se te parece, espera mais cinco anos — período não de sobra para bem digerires e ruminares certos preceitos. É bom ruminar desde já, para que depois não estranhes as operações fisiológicas de ruminante.

“Entretanto, procura esposa que não saiba ler nem escrever, se tanto for possível; receio, porém, que a não topes neste país onde a instrução está por tanta maneira *derramada*. Derramada é o termo lídimo.

Se, à míngua de outra, o coração te esporear para mulher versada no alfabeto, fornece-a desde logo de livros uteis, brindando-a com as copiosas *Artes da cozinha*, que se publicaram neste abençoado refeitório de Portugal, desde Fernão Rodrigues até Ramalho Ortigão. Não se te importe que ela conheça este segundo sujeito; mas tão somente do *Cozinheiro dos Cozinheiros*, que ele deu à estampa com outros poetas causticados da inspiração satânica de Baudelaire, que a tua mulher procure o vampiro daqueles gênios unicamente no seio de um timbale de borrachos.

Averigua, antes de mais nada, se a tua noiva procede diretamente da sua quinta avó e respetivo avô, sem travessia. Tal avó tal neta. Indaga que frades, e de qual ordem, entravam em casa das avoengas

do teu namoro; e não será demasiada pesquisa esquadriñar se a mãe dela ainda alcançou os bernardos.

Sabido e provado que a menina é de boa linhagem, observa se isto de fundilhar ceroulas e apontar peúgas não são para ela coisas mero legendarias, tradições míticas de Penélope e da rainha Berta. Bom será que ela seja caroável da criação de marrecos e galinhas, e outros “lances caseiríssimos” ao modo de falar de D. Francisco Manuel de Melo.

Que não se te olvide de espiar-lhe com aturada vigilância o temperamento, como clausula em que muito bate o ponto. Se te sair sanguínea, alimentação vegetal, legumes, muita chicória, frutas e macarrão. Se linfática, não privo que a faças quinhoeiro de substâncias fibrosas. Se os nervos predominarem, subordina-lhe a alimentação calmante aos banhos de chuva. Em suma, pelo que é de temperamentos, entende-te com Alberto Pimentel, autor dos *Sanguíneos, linfáticos e nervosos*, amável escritor que todos os noivos devem convidar para lhes tirar o horóscopo da sístole-diástole, e da espinal medula.

Estás, pois, casado, meu filho. Tens outra alma no âmago da tua, uma segunda consciência a dirigir, como pai, esposo e sacerdote. Na qualidade de padre da tua mulher, não me admitas acolito, percebes?

Serás fiel a tua mulher; levá-la-ás ao Circo de quando em vez; e de tempo a tempo à música do quartel-general, e às Figuras de cera, autorizadas pelo chefe da polícia, por causa das Vênus. De comédias chamadas “de casaca”, e dramas lardeados de cançã, e Quadros-vivos, livra como de peste.

Irás onde ela for; passarás à sua beira as noites de janeiro, fazendo “paciências” ou jogando o burro: isto enquanto não há prole. Quando houver pequenos, andarás com eles às cavaleiras, enquanto a mãe jubilosa lhes está costurando os atafais.

Visitas de casta nenhuma, sem ressalva de sexo ou idade. Diz o esperto Rosado nas *Lágrimas de Jerusalém*: “Está o mundo cheio de velhos e velhas que leem de cadeira vícios aos rapazes e às raparigas.” Foi isto estampado há duzentos e cinquenta anos! Que diria ele hoje? O que escreveu noutro lanço: “Já não há virtudes nem cerume delas”.

Ora bem: conjeturemos agora, meu filho, que a tua mulher, lealmente amada, farta e cheia, querida e acariciada, pega de sentir-se invadida sob e sub-repticiamente pela imagem de certo homem que viu no Circo ou nas Figuras de Cera. Considera, ó misero, que o freguês da Grã-duquesa é um desses cachorros da raça funesta dos citados “leões”, que, através das lentes do binóculo, despede coriscos à alma da tua consorte, queimando-lhe as grandes artérias, as medias, as filamentosas, os vasos capilares, tudo em que há sangue e palpitar na economia animal. Considera, outrossim, que ela, ouvindo a cavilosa natureza, mãe dos escândalos, em vez de confessar-se a ti, que és o seu padre lareiro, manifesta-se à cozinheira; e, por entre os soluços da honestidade moribunda, abre-lhe o peito onde a sua má sina lhe fotografou a terníssima cara do Saint-Preux do Circo.

Por te não polear inquisitorialmente com hipóteses, vamos à última. A cozinheira entrou no triângulo. A tua mulher recebeu cartas, e respondeu-lhes, servindo-se dos teus dicionários, do teu papel pautado, dos teus envelopes, e, para remate da afronta, da pena com que tu enriquecias de glosas o *Cozinheiro dos cozinheiros*, ou esboçavas narizes tortos para entreter os rapazes.

Neste tempo, — vá outra conjetura desgraçada — supõe tu que eras sócio prendado, como eu, de várias filarmônicas aonde ias, uma noite por outra, prestar a Offenbach o preito da tua corneta de chaves. Com refece sorriso, tua mulher dava-te à saída o ósculo do costume, e esperava-te de volta, perguntando-te com a voz convulsa da consciência irrequieta se foras feliz nos bemóis, e tiveras palmas no solo do 2º ato da “Ilha de Jafanapatão.”

Ah! filho! Estavas traído como todos os músicos incautos, traído como todas as vítimas generosas das belas artes, quando a alma entusiasta as eteriza acima do capacho onde as esposas se amesendram com as suas palavras. Atraiçoado, pois! E, por tanto, se essa mulher, que tanto amavas, te cravou o punhal herdado da desonra no íntimo seio onde lhe tinhas a imagem; — se te coou mortal peçonha no beijo que te deu com os lábios crestados da lava de outros lubricíssimos; — se te fez a fábula dos vizinhos, e te plantou na praça onde há o gargalhar dilacerante, e aí te pôs ao cevo dos corvos que crocitam à volta do corpo onde farejam morta uma alma; — se te levou o nome pelos seus muladares, a rojo da cauda dos seus vestidos mercadejados com o corpo; — se te acalcanhou o coração, e te matou no cérebro o rouxinol dos teus cantares; — se te incutiu no eu objetivo a dispepsia, a hepatite, a hipocondria, a cacoquimia, e enfim te pôs a honra e os intestinos entre o suicídio e o inevitável opróbrio: sabes o que hás de fazer? Sabes o que hás de fazer a essa macaca, meu filho? — Não lhe faças nada: deixa correr o marfim”.

Isto é o que eu diria ao meu filho; vossa excelência, porém, faça o que bem lhe parecer: eu não aconselho ninguém.

Vizinho, se a questão do *homem-mulher* não está assim resolvida, sou eu mais lorpa do que penso, ou a questão é mais infame que o ato que ela discute.

Seja como for, *Pax Domini sit temper tecum*, e boas noites.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com